não é elimente. Da gualdades, rívio. Essas nacional. bordagem

Introdução às Antigas Civilizações Africanas

Elisa Larkin Nascimento

Talvez a área em que mais se manifeste a tendenciosidade eurocentrista do academicismo convencional seja a dos estudos da civilização humana e de sua história, ambas atribuídas, até muito recentemente, quase exclusivamente aos povos europeus. A idéia de uma civilização africana anterior à européia soava entre ridículo e absurdo: era preciso

... ter grande coragem, como cientista, para levar a sério a idéia de que a África pudesse ser o nascedouro da humanidade. Para ser considerado merecedor de crédito, para ser levado a sério, precisava-se ter cuidado para não se aliar a tal opinião. Se um africano advogasse semelhante tese, seria interpretado unicamente como afirmação absurda e resultado de um complexo psicológico criado pela colonização.

O autor dessas palavras é o sábio e cientista senegalês (químico, físico, antropólogo, arqueólogo e historiador) Cheikh Anta Diop, fundador e primeiro diretor do Laboratório de Radiocarbono do Instituto Fundamental da África Negra (IFAN), da Universidade de Dakar, Senegal. Diop abalou seriamente os círculos científicos europeus quando publicou suas teses (1955, 1959, 1967). Desafiando os conceitos e interpretações básicas do academicismo eurocentrista, Diop fundamentava-se em rigorosa pesquisa científica dentro dos padrões metodológicos desse mesmo academicismo e produziu uma obra que o mundo acadêmico não podia ignorar, demonstrando a origem africana da humanidade e da própria civilização ocidental.

Vários autores vêm comprovando e ampliando as teses que Diop desenvolveu, e pesquisas mais recentes vêm reforçando-as com dados novos (Van Sertima, 1963, 1985; Bernal, 1987). No presente ensaio, pretendemos apenas oferecer uma introdução aos fatos e verdades levantados por esses pesquisadores e pensadores. Dividimos o texto em três partes:

- África, nascedouro do ser humano;
- África, berço da civilização humana;
- O Egito africano: fonte da civilização ocidental.

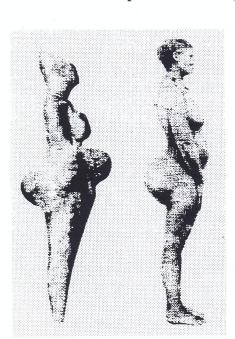
África, Berço da Humanidade

Os trabalhos da famosa família Leakey localizaram na região do lago Rudolph, no Quênia, o primeiro ancestral do ser humano, o *australopithecus afarensis*. O esqueleto de uma mulher africana, encontrado em 1972 por Richard Leakey e popularmente chamado de "Lucy", datava de 5 a 3,5 milhões de anos atrás. A próxima espécie na nossa evolução é o *homo erectus* ou *homo habilis*, achado por Mary Leakey no Olduvai, Tanzânia, em 1961. Esse hominídeo data de 1.800.000 a 100.000 anos atrás, e já tinha uma cultura lítica com ferramentas rudes como o machado de pedra. Foi ele que primeiro saiu da África, espalhando-se pela Europa e Ásia, levando sua tecnologia primária.

O uso do fogo tem sido atribuído ao chamado Homem de Peking, da caverna de Chonkontien, há 500.000 anos atrás. Em 1982, porém, foram descobertos em Chesowanja, no Quênia, os restos de um fogo doméstico feito por africanos há 1,4 milhões de anos (Diop, 1985: 25).

Do homo sapiens, comumente rotulado de neandertal, se supunha que se originasse da Europa, onde foram encontrados restos datando de 80.000 anos. Entretanto, existe um espécimen na Zâmbia, o Homem do Morro Quebrado, com 110.000 anos, e em 1984 descobriu-se outro neandertal no Egito. Portanto, há provas da existência anterior desse hominóide na África.

O homo sapiens sapiens é o homem moderno como nós o conhecemos; mas não o branco europeu. Ele teve origem também na África, há 130.000 anos atrás,



comprovada através do crânio Omo I, descoberto por Richard Leakey no Quênia. Fisicamente, ele se parece com o povo twa (pigmeu) ou san (hottentot), ou seja: negro, pequeno, com as feições bem africanas. E é esse homo sapiens sapiens africano que primeiro povoou a Europa, há mais de 40.000 anos atrás. A existência desse homem denominado Grimaldi, sempre representou um grande dilema para a ciência européia, pois é ele o responsável pela primeira indústria conhecida na Europa, a aurignaciana. Várias teorias foram elaboradas para atribuir essa indústria a uma espécie humana supostamente anterior e branca. Hoje, essas teorias estão descartadas. Não há outro homo sapiens sapiens que possa ter antecedido o Grimaldi na Europa ou na Asia (Diop, 1975).

Acima, a Vênus Hottentot, ou Vênus Aurignaciana, uma estatueta esculpida em tempos pré-históricos. À direita, uma mulher africana (bushman, hottentot, ou twa), que poderia ter sido o modelo perfeito para o artista. Encontradas na Itália, na França, na Europa central, na Rússia, e até na Sibéria, essas estatuetas estão entre as mais antigas obras de escultura criadas pelo ser humano. Fotos reproduzidas do livro The African Presence in Early Europe, organizado por Ivan Van Sertima (1985: 26).

O pri glacial Wi convencio ainda ma magno ser isso, atrib rio era el fosse o a

Tudo
20.000 a
necessita
mento d
ambient
para a s
resultan
so de es
climátic
dos olh
novo m
1985, 1

Ou anterio na Tan pintura pois o do cér Ma

> que ol mitoco Orien Berke antepa que b

> > de São Eva a bem gené à co habi form

de a

de d

go Rudolph, afarensis. O de Leakey e dos atrás. A dechado por e 1.800.000 des como o pela Euro-

g, da caverescobertos r africanos

que se orianos. Enrado, com rtanto, há

emos; mas mos atrás. I, descoia. Fisicatwa (piglegro, pes. E é esse primeiro 000 anos enominaum granpois é ele stria co-1. Várias buir essa supostais teorias o sapiens

stóricos. À eito para o estatuetas o livro *The*

Grimaldi

O primeiro homem branco surge na Europa, no intervalo do período glacial Wurm, há 20.000 anos. Denominado *cro-magno*, é esse que a história convencional apresenta como o primeiro europeu. Aí surge outro problema, ainda mais grave para a o academicismo eurocentrista. Como poderia o *cro-magno* ser nativo da Europa, se o único ancestral possível era o grimaldi? Por isso, atribuíram-lhe diversas origens exógenas, inclusive a palestina. O necessário era eliminar de vez a hipótese de que o grimaldi, africano por excelência, fosse o ancestral primordial do povo europeu.

Tudo indica que o cro-magno evoluiu do grimaldi durante um período de 20.000 anos, em que a Europa estava coberta de gelo. O organismo humano necessita da luz solar para sintetizar a vitamina D. Na África, a melanina (pigmento da pele) protege o corpo dos raios intensos do sol. Entretanto, num ambiente glacial, ela constitui um impedimento à absorção da luz necessária para a síntese da vitamina D. A mutação genética que elimina a melanina, resultando no indivíduo albino, sempre existiu na África. Durante esse processo de evolução na Europa, o albinismo teria prevalecido devido às condições climáticas, resultando na evolução do homem cro-magno. Evidentemente, a cor dos olhos teria clareado também em função da menor intensidade do sol no novo meio-ambiente (Finch, "The Evolution of the Caucasoid", in Van Sertima 1985, 17-22).

Outro fato que demonstra a origem africana do homo sapiens sapiens é a anterioridade da sua arte. Existem esculturas, descobertas por Richard Leakey na Tanzânia, datadas de 35.000 anos, duas vezes mais antigas do que a famosa pintura de Ascaux, na França. Essa arte é sempre feita pelo homo sapiens sapiens, pois o neandertal não era capaz de sua criação, faltando-lhe o lóbulo frontal do cérebro, sede da imaginação.

Mais recentemente, os geneticistas vêm confirmando esses achados arqueológicos. Através do rastreamento de polimorfismos no DNA mitocondrial de mulheres de ascendência africana, asiática, européia e do Oriente Médio. Allan Wilson e sua equipe da Universidade da Califórnia, em Berkeley, concluíram, a partir do padrão dessas variações genealógicas, que a antepassada comum à humanidade teria sido uma mulher africana, subsaariana, que batizaram como "Eva, mãe de todos nós".

Conforme relata o jornalista José Reis, em reportagem especial para a Folha de São Paulo (seção "Periscópio", 6 de fevereiro de 1994), a descoberta dessa Eva africana "despertou noutros cientistas o desejo de encontrar Adão, tarefa bem mais difícil. (...) Um dos primeiros especialistas a tentar o rastreamento genético de Adão foi Gérard Lucotte, do Collége de France, em Paris. Chegou à conclusão, muito combatida, de que Adão teria sido um pigmeu que habitava certa região da atual República Africana Central, num triângulo formado pelos rios Cubangui, Sanga e Lobaye. A idade a ele atribuída foi de duzentos mil anos."

Podemos concluir, com Cheikh Anta Diop, que "... desde há cinco milhões de anos até o fim do período glacial há dez mil anos, a África quase unilateralmente povoou e influenciou o resto do mundo" (1985: 27).

África, Berço da Civilização

Desde a própria definição da palavra, os conceitos tradicionais da civilização tendem a excluir a África de sua origem. Segundo uma definição padrão (New Columbia Encyclopedia, 1975: 565), a civilização seria

... aquele complexo de elementos culturais que primeiro apareceram na história humana, entre 8.000 e 6.000 anos atrás. Nessa época, baseada na agricultura, criação de gado e metalurgia, começou a aparecer a especialização ocupacional extensiva nos vales dos rios dos sudoeste da Ásia (Tigre e Eufrates). Apareceu lá também a escrita, bem como agregações urbanas bastante densas que acomodavam administradores, comerciantes e outros especialistas.

Entretanto, está cada vez mais comprovada a anterioridade da evolução no continente africano dos elementos citados (agricultura, criação de gado, metalurgia, especialização ocupacional) que convergem no desenvolvimento da civilização. Além de dar à luz a humanidade, a África foi também palco da primeira revolução tecnológica de sua história, a passagem da existência como caçador e apanhador de frutos silvestres para a prática da agricultura. Em 1979, o Dr. Fred Wendorf e sua equipe, comprovam a prática da agricultura no vale do rio Nilo há 17.500 ou 18.000 anos atrás, ou seja, mais de duas vezes mais antiga do que na região do sudoeste da Ásia (Van Sertima, 1983: 58-64). Na região do Saara, antes desta virar deserto, os africanos cultivaram grãos e legumes, há sete mil anos. De acordo com o Dr. Peter Murdock, cultivava-se mais de vinte e cinco espécies no vale do Rio Niger àquela época (Van Sertima, 1983: 21).

A criação de gado, outro traço definidor do nascimento da civilização, também aparece na África, em Lukenya Hill, a mais ou menos cinqüenta quilômetros de Nairobi, há 15.000 anos atrás. A conclusão do Dr. Charles Nelson, cuja equipe comprovou este fato em 1980, é de que a sociedade responsável por essa domesticação de animais tinha elevado grau de sofisticação, e que de lá poderia muito bem ter se espalhado até o vale dos rios Tigre e Eufrates (Van Sertima, 1983:20).

Em relação à escrita, a África testemunhou, na região do Saara e do Sudão, a criação dos sistemas de escrita dos Akan e dos Manding (que antecederam em milênios o povo Mandingo, da época medieval). Também está provado, a partir de pesquisas realizadas num local chamado Qustul, que as escritas egípcias e meroítica originaram-se no Sudão (Van Sertima, 1983:24).

O Egito Africano: Fonte da Civilização Ocidental

Quando falamos em civilização ocidental, nos referimos geralmente à cultura de origem greco-romana e européia, imposta violentamente pelo

colonialismo ac cultura ocidenta bretudo as elites tal representa o em que o "pros culturas dos po "estáticas", pou dios americano do saber já mon ca" do que a a

Qual não fo Rosetta¹, se con gioso e filosófi África. Nas pala cesa (1787: 74'

> iguais os egí todos hoje r a que palavi

Lemb

a mim

De fato, a mentais de to çada que dese mento de um ria e matemá 3.000 anos at vimento da n verdadeiro fu do Egito uni sábio Imhote médicas. Os legado desse de quase to filosóficos gi gregos como com sábios a

Inscrita com hi conhecimento do

da civilização padrão

pare-Nessa rgia, nos eceu

ante

itros

olução no do, metanto da cipalco da cia como Em 1979, a no vale ezes mais Na região

rilização, enta qui-Nelson, consável que de des (Van

s, há sete e e cinco

Sudão, ram em a partir ípcias e

ente à pelo

colonialismo aos povos dominados do mundo. A suposta superioridade da cultura ocidental é um conceito internalizado pelos próprios colonizados, sobretudo as elites dominantes nacionais. Dentro dessa visão, a civilização ocidental representa o estágio mais "avançado" do desenvolvimento humano, o único em que o "progresso" conduz a uma vida de qualidade cada vez melhor. As culturas dos povos dominados são retratadas como "arcaicas", "primitivas" e "estáticas", pouco contribuindo para o "progresso" humano. Enquanto os índios americanos ganharam a imagem do nobre selvagem, e os asiáticos a fama do saber já morto, nenhuma cultura é considerada mais "primitiva" ou "arcaica" do que a africana.

Qual não foi a surpresa quando, no século XVIII, decifrada a famosa pedra Rosetta¹, se comprovou que praticamente todo o conhecimento científico, religioso e filosófico da Grécia antiga teve origem no Egito, ou seja, na própria África. Nas palavras do conde Constantino Volney, membro da Academia Francesa (1787: 74-77),

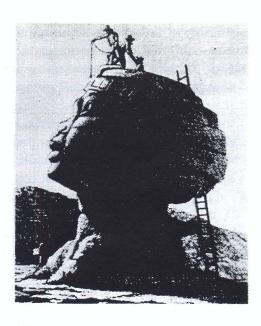
Lembrei-me da notável passagem onde diz Heródoto: "E quanto a mim, julgo ser os colchianos uma colônia dos egípcios porque, iguais a estes, são negros de cabelo lanudo." Em outras palavras, os egípcios antigos eram verdadeiros negros, do mesmo tipo que todos os nativos africanos. (...) Pensem só, que esta raça de negros, hoje nossos escravos e objeto de nosso desprezo, é a própria raça a quem devemos nossas artes, ciências e até mesmo o uso da palavra!

De fato, a cultura e a ciência egípcias foram as primeiras pedras fundamentais de toda a civilização ocidental. A astronomia egípcia era tão avançada que desde 4.240 anos antes de Cristo foi responsável pelo desenvolvimento de um calendário mais exato que o nosso. Na arquitetura, engenharia e matemática, as pirâmides comprovam a alta tecnologia africana de 3.000 anos atrás. Os papiros de Ahmes e de Moscou mostram o desenvolvimento da matemática abstrata, desde treze séculos antes de Euclides. O verdadeiro fundador da medicina foi Atótis, filho de Menes, primeiro faraó do Egito unificado, que a praticava por volta de 3.200 a.C., ou então o sábio Imhotep que, por volta de 2.980 a.C., realizava famosas pesquisas médicas. Os papiros Smith (1.650 a.C.) e Ebers (2.600 a.C) registram o legado desses médicos africanos, mostrando seu conhecimento profundo de quase todas as áreas da medicina moderna. Os sistemas teológicos e filosóficos gregos também se originaram no Egito, onde vários escritores gregos como Sócrates, Platão, Tales, Anaxágoras e Aristóteles estudaram com sábios africanos.

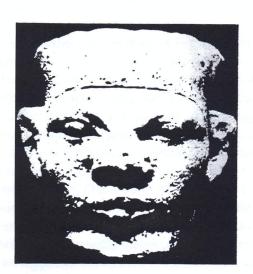
¹ Inscrita com hieróglifos egípcios e outras línguas antigas conhecidas, a pedra Rosetta foi a chave do conhecimento dos antigos textos egípcios.



Figura protohistórica do Senhor Tera Neter, da raça negra Anu, dos primeiros habitantes do Egito. Fonte: Diop, 1976: 12



A Esfinge, como a encontrou a missão científica francesa no século XIX. O perfil não é nem grego nem semítico: é banto. Tudo indica que o modelo foi o faraó Cefren, da IVª dinastia (2.600 a.C.), construtor da segunda pirâmide de Giza. Fonte: Diop, 1974:ii.

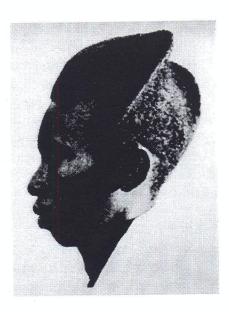


Narmer, ou Menes, soberano responsável pela unificação do Egito (3.200 a.C.) e seu primeiro faraó. Foto reproduzido de Diop, 1974: 13.

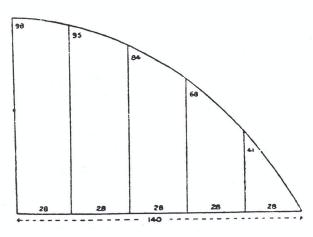


Tutmose III, fundador da XVIIIª dinastia e responsável pela expansão territorial do Egito. Conhecido como o "Napoleão da Antiguidade". Fonte: Diop, 1974: 20.





No Antigo Egito, o faraó Ramsés II (XIXª dinastia). Ao lado, um tutsi moderno. A cabeleira tutsi é viável apenas em cabelos tipicamente africanos. Os pequenos círculos na imagem do faraó representam o cabelo em carapinhas. Fonte: Diop, 1974: 19.



ab cic Es de cu gu re Lu

Desenho, em escala, da curva cuja definição está indicada no antigo diagrama abaixo. Diagrama de um arquiteto egípcio, provavelmente da terceira dinastia. Este desenho estabelece o uso de coordenadas retangulares para desenhar uma curva. Os egípcias trabalhavam com ângulos a uma precisão de 0,07°. Desenhos reproduzidos do ensaio de Beatrice Lumpkin, *in* Van Sertima, 1983: 77.

a e respon-Conhecido onte: Diop,

são científica

é nem grego

ue o modelo

(2.600 a.C.), Giza. Fonte: George G. M. James (1954) documenta o fato de que, na verdade, grande parte desse conhecimento foi levado para a Grécia através de processos desonestos ou violentos. Os escritores gregos, em vários casos, se apresentavam como autores de conceitos ou teorias que haviam aprendido com mestres africanos. O saque da biblioteca de Alexandria foi um episódio central nesse processo, pois a destruição ou deslocamento dos textos antigos destituiu o Egito de suas fontes primárias.

A Europa colonialista, que fundamentava a justificativa ética da escravidão na inferioridade congênita dos africanos, não poderia deixar transparecer essas verdades. Criou-se, então, toda uma disciplina científica, a egiptologia, voltada à tarefa de destituir o Egito do crédito pelas suas realizações. Lançou-se mão de vários recursos para fazê-lo, inclusive o de simplesmente retratar o Egito como um país branco. Na idéia popular, até hoje prevalece essa imagem, vivida por Claudette Colbert e Elizabeth Taylor no cinema americano. Lançou-se também a teoria de que as populações negras do Egito eram conquistadas, e até escravizadas por povos arianos, semitas ou asiáticos, que lhes teriam ensinado a civilização. Chegou-se até a inventar uma suposta "raça vermelha escura", um gênero humano diferente que teria surgido no Egito, para não admitir que lá viviam negros africanos.

Cheikh Anta Diop analisa em profundidade e refuta todas essas teorias, concluindo (1974:234):

Já que o Egito é um país negro, com uma civilização criada por negros, qualquer tese que tentasse provar o contrário careceria de futuro. Os protagonistas de tais teorias não desconheciam este fato. Assim, seria mais seguro e mais sábio destituir o Egito, simplesmente e muito discretamente, de todas as suas criações, em favor de uma nação realmente branca (a Grécia). Esta atribuição falsa à Grécia dos valores de um Egito chamado branco, revela uma profunda contradição, que não é a menos importante prova da origem negra do Egito.

Não nos cabe no presente texto apresentar as provas da origem africana da civilização egípcia. Entretanto, merecem registro alguns aspectos. Há, por exemplo, o testemunho dos escritores antigos, como o já citado Heródoto, "Pai da História", que repetiu muitas vezes a observação. Diodorus Siculus e vários outros historiadores gregos e romanos confirmam esse testemunho. Na Bíblia, o Egito aparece como o povo de Ham, negro e irmão de Cush, o etíope.

Talvez mais importante seja a própria autodefinição dos egípcios: na sua língua, se denominavam Kmt ou Kemet, o que quer dizer "cidade negra" ou "comunidade negra". Na escultura, os egípicios se retratavam claramente como africanos. A esfinge, os faraós e suas rainhas, além das pessoas comuns, emergem na arte egípcia retratados como africanos clássicos.

Em 1977, surgiu a evidência arqueológica que confirmou de uma vez por todas a falsidade das teorias européias negadoras da origem africana da civilidados arq Keith Seel na antiga analisado chamado 3.200 a.C Horus, as Egito. O do reino 1985A:29 portância efeito, na

zação egíj

Anta Dio
antecesso
evidência
Estudios
suposto
venciona
comprov
na Áfric
É in

A de

ignorada Diop. Eobservar america sobre o (Lynch, Chance K. Asar estudios

> Ma civilizaç próprio critores mais re

os desoentavam tres afriesse pro-Egito de

cravidão cer essas voltada -se mão o Egito o, vivida nçou-se tadas, e ensinaescura",

teorias,

itir que

na da exem-Pai da vários Bíblia, oe.

a sua a" ou como emer-

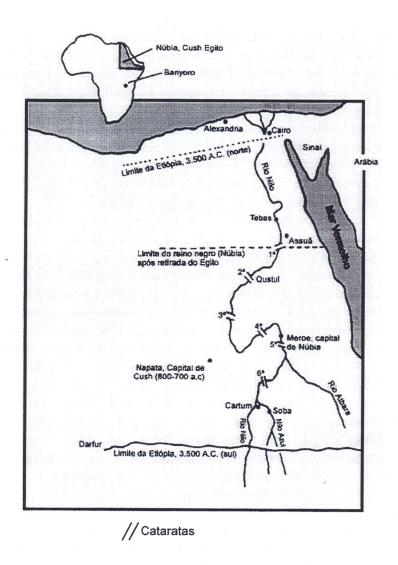
z por civilização egípcia. Nas escavações que se realizaram em 1962, para preservar os dados arqueológicos do local em que se construiria a represa Aswan, o Dr. Keith Seele resolveu levar à frente o levantamento de um sítio chamado Qustul, na antiga Núbia, ao sul do Egito. O material ali colhido só foi organizado e analisado quinze anos depois, revelando na Núbia a existência de um reino chamado Ta-Seti. Antecedendo por treze gerações a unificação do Egito, em 3.200 a.C., essa cultura já trazia na sua cerâmica as imagens de Osíris, Ísis e Horus, as marcas simbólicas da filosofia religiosa e da estrutura de estado do Egito. O povo desse reino chamava-se Anu-Seti, o que significa "povo negro do reino Seti" (Williams, "The Lost Pharaohs of Nubia", in Van Sertima 1985A:29-43). Como veremos adiante, o vocábulo anu adquire uma importância central no processo das civilizações africanas no mundo antigo. Com efeito, não é coincidência o anu ser um pássaro preto.

A descoberta do reino de Ta-Seti confirmava a pista assinalada por Cheikh Anta Diop desde a década de cinqüenta. A partir de estudos da escrita meroítica, antecessora dos hieróglifos egípcios, Diop já havia chamada a atenção para as evidências de que ela pertencesse a uma civilização africana anterior à egípcia. Estudiosos europeus datavam essa escrita de 600 a 300 anos antes da era cristã, suposto marco do início da civilização nubiana, consagrado pela história convencional. A existência e as características do reino de Ta-Seti e sua cultura comprovam que a organização do estado político, bem como a escrita, surgem na África subsaarana dois milênios e meio antes do que se supunha.

É importante assinalar que a anterioridade da civilização africana não era ignorada pelos povos africanos e nem pelos ocidentais antes de Cheikh Anta Diop. Estudiosos europeus a assinalavam desde os séculos XVIII e XIX, como observamos na declaração do Conde Volney acima transcrita. Estudiosos afroamericanos nos Estados Unidos desenvolviam desde o século XVIII estudos sobre o tema. Exemplares entre estes são as obras de Edward Wilmot Blyden (Lynch, 1967), Martin R. Delany, e W. E. B. DuBois. Mais recentemente, Chancellor Williams (1974), Ivan Van Sertima, Yusef Ben-Jochannen (1971), Molefi K. Asante (1977), Maulana Karenga (1984), Jacob Carruthers (1986) e outros estudiosos vêm contribuindo para o enriquecimento dessa linha de pesquisa.

Mais uma vez, verificamos historicamente que a afirmação da anterioridade da civilização africana resultante desses estudos não contradiz os conceitos que os próprios antigos alimentavam sobre os africanos. Citando Heródoto e outros escritores gregos, o historiador Brasil Davidson, que figura atualmente entre as mais respeitadas autoridades sobre a África no mundo, observa (1974: 28) que:

Os gregos antigos davam precedência de dignidade e valor não aos egípcios, apesar da manifesta superioridade da civilização egípcia sobre qualquer outra coisa que eles conheciam nessa matéria, mas a todos aqueles povos que viviam, perdidos no mistério, na "África além do Egito". Esses africanos eles chamavam de etíopes ... e era à terra dos "irrepreensíveis etíopes" que os deuses de Homero se retiravam anualmente para a festa dos doze dias.



A confirmação das origens núbias da cultura dinástica do Egito, a partir das pesquisas realizadas em Qustul, provou que a origem de sua civilização é africana, e não uma contribuição de povos estrangeiros, semitas ou arianos, vindos do norte. Desenho baseado no mapa apresentado por Van Sertima (1976: fig. 19).

Randall Maclver, historiador escocês, já escrevia no século passado (citado por Van Sertima, 1985: 35):

O que há de mais característico da cultura pré-dinástica do Egito se deve ao intercâmbio com o interior da África e à influência imediata daquele elemento negro permanente que estava presente na população do Egito meridional desde os tempos mais remotos até os nossos dias.

Em 1987, publica-se o primeiro volume de *Black Athena* (Atenas Negro), outra obra fundamental a esse processo de resgate do processo civilizatório

africano. Martin Bernal, lingüista e cientista social, professor das universidades de Cornell (EUA) e Cambridge (Inglaterra), estudou profundamente as raízes africanas e asiáticas da civilização greco-romana, documentando com fascinante riqueza de detalhes, seus fundamentos não europeus. No decorrer da análise, Bernal assinala as atitudes racistas e eurocentristas subjacentes às posturas vigentes na academia, que além de escamotear durante séculos as verdades que documenta, ainda reluta ferozmente em aceitar o conceito de uma origem não-européia da chamada civilização "universal". Os trabalhos de Martin Bernal confirmam e reforçam as conclusões de Cheikh Anta Diop, resumidas neste pequeno trecho (1974:XIV):

Em vez de se apresentar na história humana como devedor insolvente, o mundo negro é o próprio originador da civilização "ocidental" hoje exibida diante de nós. A matemática pitagórica, a teoria dos quatro elementos de Tales de Mileto, o materialismo epicureano, o idealismo platônico, o judaísmo, o Islã, e a ciência moderna têm suas raízes nas cosmogonia e na ciência africanas do Egito. É só meditar sobre Osíris, o deus redentor, que se sacrifica, morre e ressuscita para salvar a humanidade, figura essencialmente identificável com Cristo.

lizadas em estrangeian Sertima

(citado

ito cia reais

Negro), izatório